

## Vendo o mundo corretamente: o problema da interpretação da conclusão do *Tractatus* de Wittgenstein

Pesquisador: Gustavo Coelho (UFRGS/CNPq)

Orientadora: Sílvia Altmann (UFRGS/CNPq)

O objeto da pesquisa é o penúltimo aforismo do *Tractatus*, no qual encontramos a seguinte afirmação:

“Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contra-sensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.)

Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente”.

Uma interpretação satisfatória desse aforismo deve responder às duas seguintes perguntas:

- 1) **O** que significa, para o Wittgenstein do *Tractatus*, ver o mundo corretamente?
- 2) **Se** contra-sensos podem nos levar a essa perspectiva correta, **como** podem?

Ao longo da pesquisa, foram examinadas duas correntes interpretativas dominantes: de um lado, a interpretação clássica do *Tractatus*, segundo a qual chegar ao topo da escada envolveria não apenas abandonar toda pretensão de dizer qualquer coisa de essencial como absurda, mas também apreender que **há** algo que está suposto na utilização da linguagem e que, portanto, se mostra e, por isso mesmo, não ser dito; de outro lado, a interpretação resoluta do *Tractatus*, cujos defensores sustentam que levar a metáfora da escada as suas últimas consequências envolve descartar como contra-senso a própria distinção entre dizer e mostrar, e, portanto, a tese de que permanece em pé, após a conclusão da obra, uma espécie de verdade inefável sobre a natureza das coisas: o **único** trabalho de elucidação que os aforismos do *Tractatus* poderiam desempenhar seria o de mostrar que estamos diante de uma ilusão de entendimento. A resposta apresentada pela interpretação clássica a nossa primeira pergunta seria, portanto, para a interpretação resoluta, a ilusão de uma perspectiva correta da realidade, a qual Wittgenstein estaria tentando dissolver por meio de um procedimento eminentemente terapêutico.

A interpretação clássica, além de apoiar-se em fortes evidências externas à obra, apóia-se, sobretudo, no mapeamento do surgimento da distinção entre dizer e mostrar nas origens do próprio *Tractatus*, a saber, no diálogo com Russell e no ataque a sua Teoria dos Tipos, e supõe uma distinção entre tipos de contra-sensos. Já a interpretação resoluta apóia-se no exame do modo como se constituem, no *Tractatus*, o conceito de contra-senso e as notas do conceito de proposição, a saber, sob a influência de Frege, mostrando que, de um ponto de vista lógico, só há espaço para “meros contra-sensos”, o que parece comprometer a idéia de que podemos, de algum modo, **apreender** algo que esteja para além dos limites da linguagem.

O objetivo da pesquisa é examinar essa tensão, buscando revisar a interpretação clássica com base nas objeções “resolutas”: deve ser possível encontrar espaço, no *Tractatus*, para a apreensão, por meio de contra-sensos, do que está suposto na utilização da linguagem, mesmo que dizer que há o que não pode ser dito já seja um contra-senso.

**Apoio financeiro: CNPq.**